

1-A-68

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

1-A-68

28

Curso C-PEM/85

Partido.....

Solução do P-III-7 (En) ENSAIO

Apresentada por

RONALDO DA SILVA

CAPITÃO-DE-MAR-E-GUERRA (FN)

NOME E POSTO



RIO DE JANEIRO

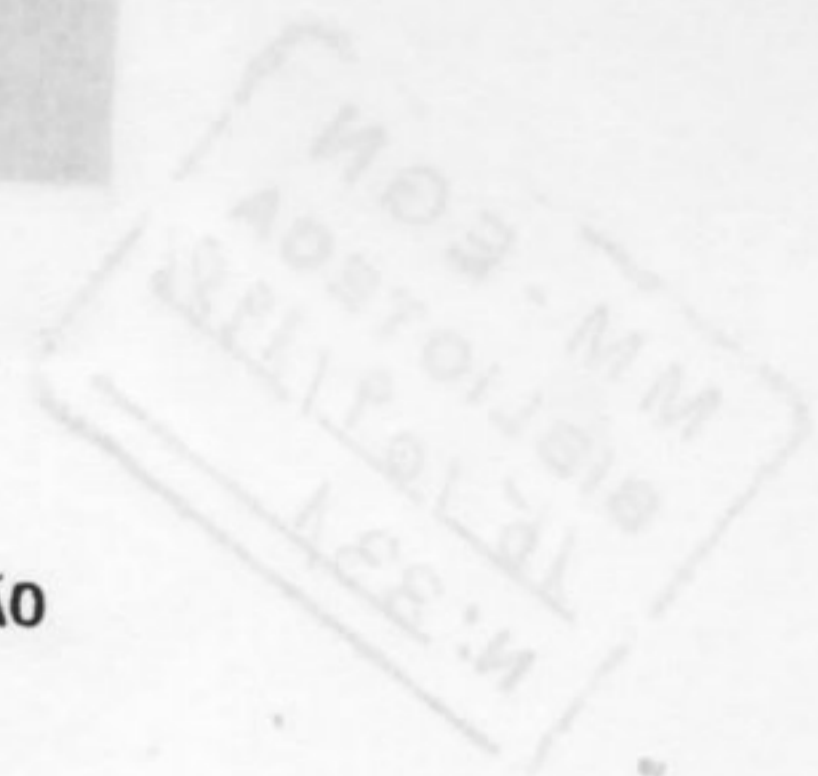
19 85

TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E REPRESSÃO

RONALDO DA SILVA

Capitão-de-Mar-e-Guerra (FN)

MINISTÉRIO DA MARINHA
ESCOLA DE GUERRA NAVAL
1985



GN-00001095-8

MM - EGN
BIBLIOTECA
15/09/1986
N: 331

TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E REPRESSÃO

RONALDO DA SILVA

Capitão-de-Mar-e-Guerra (TM)

MINISTÉRIO DA MARINHA

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

1982

TEMA: TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E REPRESSÃO

TÓPICOS A ABORDAR: a) Os países ricos e pobres
b) Comunismo e Subversão
c) As reivindicações atuais no Brasil

PROPOSIÇÃO: Discorrer sobre as diferenças sócio-econômicas e políticas no mundo atual, ressaltando os principais aspectos, tanto no campo externo como interno, bem como diferenciar a tendência atual de agregar em uma só categoria a subversão e o expansionismo comunista. Apresentar os principais aspectos de tal situação no cenário brasileiro.



TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E REPRESSÃO

Os países ricos e pobres - O Mundo vem se dividindo ao longo do tempo, segundo critérios variados, dependendo do enfoque que se queira considerar. Essas divisões são tão sensíveis não só a nível interno das nações como no campo das relações internacionais. E qual o motivo principal dessa desagregação? Seria o enfraquecimento político-econômico das super-potências ou o despertar das aspirações nacionais das nações pobres que, desde a revolução industrial, se viram oprimidas e impossibilitadas de acompanhar o desenvolvimento?

O que se pode, entretanto, argüir é se as transformações ocorridas no Mundo, a partir do século XIX, nos campos social, político, econômico e tecnológico, a eclosão de duas Guerras e, principalmente, o colápsio do colonialismo europeu e o clima de tensão mundial, criado pelo confronto LESTE X OESTE, não teriam aumentado, de forma considerável, o grau de complexidade no intrincado campo das relações entre nações?

O que se observa é que o conflito entre as nações pobres em desenvolvimento e as ricas nações industriais acabou por ingressar em nova fase, e esta nova fase se faz, também, sentir no âmbito interno de cada uma delas.

Toda esta problemática pode parecer, a princípio, tratar-se de privilégio do mundo ocidental. Entretanto, os problemas, nos países sob influência direta da União Soviética, não diferem, provavelmente, daqueles sob a "pseudo" proteção dos Estados Unidos da América (EUA).

O que pretendem, na realidade, as super-potências com seus programas políticos, econômicos e militares? Encobrir um declínio inexorável ou, simplesmente, dividir o mundo de molde a satisfazer suas necessidades?

Os mais céticos, certamente, concluirão não mais por um

conflito LESTE X OESTE ou NORTE X SUL, mas sim por uma super aliança (EUA X URSS), com objetivos claros de sobrevivência.

Não podemos esquecer que, durante a última Guerra, Stalin dividiu o mundo com Churchill e Roosevelt em zonas de influência, onde a Europa Ocidental deveria ficar com o capitalismo e 90% da oriental permanecer sob o domínio russo (comunismo) (16:19).

Será que, nos dias atuais, uma nova Guerra Fria permitiria a reedição de tal acordo entre Reagan e Gorbachev?

O que se tem observado no mundo são classes sociais e grupos de dirigentes em declínio, alimentando presunções de que qualquer novo sistema oposto ao deles não poderá dar certo. E, quando as ilusões não mais fizerem sentido, o que restará dos poderosos?

Na verdade, não se pode ignorar que existe um mundo emergente, de potencial ainda não perfeitamente definido, e que, para os mais otimistas, a curto prazo, estará pressionando as super-potências. Na realidade, a comunidade mundial está encarando, com seriedade, as crescentes desigualdades materiais entre um grande número de nações afluentes da América do Norte, Europa Ocidental e Japão, bem como da Rússia e dezenas de nações pobres da Ásia, África e América Latina que, certamente, constituem o grosso da humanidade, mas que desfrutam de muito pouco da generosidade da terra.

O que se questiona, no momento, é se estamos diante de um conflito ideológico ou econômico. A resposta me parece óbvia, o conflito é econômico. A ideologia, entre um regime democrático e comunista, representa a controvérsia econômica, para onde ambas tendem, capitalista ou socialista.

O que se observou na década de setenta (70) foi uma advertência ao mundo com o aumento do preço do petróleo, onde os limites ao crescimento dos países desenvolvidos não eram

meramente físicos, mas, também, políticos e financeiros, e a firmeza dos países integrantes da OPEP, mantendo os preços do petróleo, deu esperança as nações em desenvolvimento de poderem realizar acordos mais justos com o mundo industrializado, sem que isto implicasse em dependência ideológica (18). Será que a luta por melhores condições de vida pode ser encarada como subversão à ordem política vigente?

O que se pode verificar de um estudo mais apurado entre as pretensões dos mais desenvolvidos e dos em vias de desenvolvimento é uma controvérsia sobre a realidade dos limites físicos, a longo prazo, para o crescimento da economia mundial.

O problema que se apresenta entre as nações é saber se é possível chegar-se a um entendimento com as realidades políticas de um mundo dividido entre ricos e pobres.

O que se observa nos países terceiro-mundistas é uma vocação para uma nova ordem econômica internacional, de modo a permitir que os mesmos ocupem os vazios existentes de forma justa, sem que as reivindicações sejam consideradas subversivas ou incorporadas a uma ideologia expansionista do comunismo internacional.

Na realidade, os principais pontos lançados na Assembleia Geral das Nações Unidas, em dezembro de 1974, pela Carta dos Direitos e Deveres Econômicos dos Estados e que, não foram bem compreendidos pelos ricos do ocidente, suscitaram fortes objeções, por parecer conter em seu bojo tendências ideológicas, em face do não entendimento das intenções do Terceiro Mundo (17).

A bem da verdade, o espírito conservador das nações ocidentais, em especial os EUA, pendem para o isolacionismo, protecionismo e descaso aos apuros das nações pobres. Alguns países ocidentais continuaram a considerar a pobreza das na-

ções e a dos indivíduos, como sendo auto-impostas. O que os desenvolvidos acreditam é que as nações são pobres porque política e ideologicamente são mal orientadas em sua forma de ser e pensar, sobre o que devem esperar dos outros e em suas atitudes para com o modo de vida.

Após a Carta dos Direitos e Deveres Econômicos dos Estados, parece, entretanto, ter havido um melhor entendimento entre os ricos e os pobres, que se acelerou depois da última Seção da ONU sobre desenvolvimento e cooperação econômica realizada em setembro de 1975 (6).

O espectro de uma confrontação ideológica cedeu lugar a uma série de negociações, visando ao bem comum, tanto que as propostas apresentadas pelo "Grupo dos 77" foram respondidas por outras contra-propostas positivas e construtivas, por parte das nações industrializadas, em especial Estados Unidos, Japão e pela Comunidade Econômica Européia e, desse encontro, resultou, como que, numa resolução de compromisso, na qual antigas reivindicações das nações em desenvolvimento seriam atendidas.

Embora o enfoque das negociações seja sempre de um entendimento, existem divergências no campo econômico, onde os países em desenvolvimento, a todo custo, desejam firmar suas legítimas aspirações à redistribuição global da riqueza e do poder em bases justas e equitativas, enquanto os ricos resistem, não só às razões econômicas, como também, relutam em modificar o delicado equilíbrio do poder, tanto econômico como político, que construíram, após a II Guerra Mundial, sem o envolvimento ou a participação direta dos países em desenvolvimento.

O que se depreende é que a heterogeneidade de interesses dificulta, sobremaneira, a criação de uma nova ordem econômica mundial. Talvez seja necessário, inicialmente, um novo pen

samento político internacional e uma reestruturação das forças, não só políticas como militares em confronto. Não podemos esquecer que o conflito LESTE X OESTE, sustentado por uma Guerra Fria após 1946, consistia em nada menos que impedir o alastramento do poderio comunista no mundo, através do campo econômico, ajudando a Europa a se reconstruir economicamente, a fornecer ajuda técnica e financeira às nações emergentes além de outras medidas, objetivando a estabilidade política, a disseminação das instituições democráticas e uma resistência mais forte a ideologia anti-capitalista.

O que, entretanto, ocorreu foi um êxito razoável na Europa e um desastre quase que total nos países em desenvolvimento, o que, certamente, acelerou os movimentos reivindicatórios das nações pobres que acabaram sendo cobiça da ideologia comunista. Entretanto, nada se pode afirmar das intenções anti-capitalistas dos movimentos subversivos internos dessas nações em desenvolvimento. Será que a luta por melhores condições de vida estará sempre associada ao expansionismo do comunismo internacional? Talvez o diálogo político, permitindo maior espaço a países pobres, seja, no momento, mais importante que a limitada cooperação econômica com que os ricos procuram oprimir as nações mais pobres.

Provavelmente, todo este desajuste internacional não está vinculado a ideologias ou a outros sistemas quaisquer. Ele é, em sua maior parte, uma questão de café com leite na mesa dos pobres, no sentido justo da palavra, e, para superar esta expectativa, o que as nações em desenvolvimento desejam é o crescimento econômico de todos. Pretendem elas participar em todos os campos, principalmente no econômico e tecnológico. O que não se pode admitir é o crescimento desenfreado e egoístico das nações industrializadas, esmagando as aspirações dos menos desenvolvidos. Será que só os ricos podem fi-

car mais ricos?

E o que pesa no momento contra as nações pobres? Que elas nutram certa hostilidade ideológica contra o capitalismo liberal? Na verdade, muitas nações em desenvolvimento devem seu rápido crescimento a ênfase que deram às liberdades econômicas, fugindo a tutela daquelas mais poderosas.

O que se deseja no relacionamento entre ricos e pobres no mundo de hoje não deve ser baseado em doações ou favorecimentos, mas sim no respeito mútuo, na cooperação e na assistência aos necessitados. Engrossar também a lista de queixas dos países em desenvolvimento, sem apontar soluções ao movimento revolucionário reivindicatório, parece um modo pouco inteligente de enfrentar o problema.

Na verdade, o mundo transformou-se e os fortes não são tão fortes como pensam e os fracos passam a ser fortes quando, com audácia e coragem, enfrentam os fortes. Toda essa problemática, muito mais de caráter econômico que ideológico, conturba o mundo como um todo, cuja força propulsora em escala decrescente é a nação, o povo e, finalmente, o indivíduo, aquele que sente em seu ego todos os malefícios da situação.

Comunismo e Subversão - Depois desta rápida abordagem sobre a real situação econômica do mundo atual, procuraremos enfocar o panorama existente nos diversos pontos da terra, onde movimentos das mais diferentes causas se confundem; quanto aos mesmos os paranóicos da subversão e do expansionismo comunista não conseguem distinguí-los, procurando fazer perfeita simbiose entre eles.

Na verdade, não podemos discordar frontalmente daqueles que analisam a situação como dito no parágrafo anterior. Inicialmente, procurarei fazer um pequeno resumo histórico para que se possa bem entender aquela posição.

O expansionismo soviético se tem realizado através a ação direta da força ou a ação indireta da propaganda e subversão. A primeira grande fase histórica desse movimento caracterizou-se por ações convencionais de forças militares, por meio das quais a URSS estendeu seus domínios até os limites representados por suas fronteiras físicas (12:7).

Após a Segunda Guerra Mundial substituiu ela os meios convencionais de agressão por aqueles de Guerra Revolucionária, aumentando sua área de influência aos países da Europa Centro-Oriental, o que equivaleu a uma expansão de fronteiras não existente nos mapas. A formação de Democracias Populares proporciona aos soviéticos o domínio sobre os territórios que representam ponto de apoio para o expansionismo de sua cultura marxista-leninista (20:13).

As reações, eventualmente, ocorridas nos países que tomaram sobre o jugo soviético, foram silenciadas pelo terror, pela espoliação econômica e por meio de total controle de pontos-chave através de representantes diretos do Partido Comunista (12:7).

Alicerçado no preparo doutrinário e subserviente do elemento humano e no apoio de seu poder militar os soviéticos, através de ações subversivas e subreptícias, procuram aumentar sua área de influência, ameaçando as nações livres.

A conturbada situação econômica mundial, como já visto anteriormente, vem servindo de excelente caldo de cultura para a proliferação de movimentos que objetivam a consecução dos interesses maiores do expansionismo comunista. Suas estratégias visam sempre ao enfraquecimento do Poder, principalmente o militar, nos países pobres ou em desenvolvimento, utilizando-se da propaganda, da guerra psicológica, da subversão e, em especial, da sabotagem econômica, aproveitando-se da situação tênue em que eles se encontram, e, no campo político,

apregoam a coexistência pacífica, que só tende a favorecê-lo.

Perguntaríamos, neste ponto: será que todo o inconformismo das nações pobres, ao fazerem suas reivindicações por uma melhor situação, vem fomentado por uma base ideológica do comunismo? Da mesma maneira, será que os movimentos internos das nações, conhecidos como movimentos subversivos, contêm em seu bojo a filosofia comunista? A bem da verdade, a dúvida sempre existirá, pois no item três (3) do "Decálogo da Vitória Comunista" é apregoada a divisão da população em grupos antagônicos, incitando-os à discussão sobre assuntos sociais, mesmo que não relacionados com a causa comunista (20:16).

O que não se pode ignorar é que, enquanto as nações consideradas pobres clamam por maior igualdade no posicionamento do cenário internacional, no âmbito interno das mesmas, as classes menos favorecidas lutam por justiça social e, certamente, este desafio, que pode ser considerado um ato de subversão, não traz a conotação ideológica tão declamada em prosa e versos pelos amantes das ações anti-comunistas.

O mundo atual vive repleto de movimentos subversivos que nada têm a ver com o expansionismo comunista. Ao analisarmos alguns deles, como a guerrilha em El Salvador, o movimento do "Sendero Luminoso", no Perú e o "M-19", na Colômbia, não precisaremos nos aprofundar para depararmos com movimentos subversivos, que visam a derrubada de um governo constituído, para a implantação de um regime comunista. Entretanto, outros movimentos existem que podem ser classificados de subversivos que, no entanto, não visam à tomada do Poder. Entre tantos, citamos: o movimento do IRA na Irlanda, de caráter religioso, onde os católicos procuram fugir da opressão protestante; o movimento Palestino, onde um povo luta por um território para fixar sua nação; o paradoxal movimento sindical na Polônia, onde os sindicatos propugnam por liberdade mesmo dentro de um

regime comunista e o movimento do "Apartheid" na África do Sul, onde os negros procuram uma participação justa numa sociedade em que são maioria.

Poderíamos continuar listando uma série de outras ações subversivas que nada tem a ver com o expansionismo comunista. Este fato nos permite afirmar que agrupá-las numa só idéia, a do expansionismo, certamente nos conduziria a erro de avaliação.

Por conseguinte, o mundo atual vive um conflito entre nações ricas e pobres. Nas nações pobres, um conflito entre os ricos e os pobres, e, nas próprias nações ricas, o desajuste entre classes não se constitui em raridade, mas o importante destes conflitos é não trazerem a gula do comunismo, que tenta impor sua vontade ideológica em troca de um mundo paradisíaco, que até eles mesmos desconhecem.

As reivindicações atuais no Brasil - Certamente, que, neste cenário mundial, o Brasil não poderia estar afastado de seu contexto. Embora, sejamos um país rico, em potencial, o que ainda nos reserva a classificação internacional é o de uma nação pobre, contudo, entre estas, a mais emergente. Infelizmente, história nos conta as verdades que impedem de estarmos colocados entre as grandes potências. Difícil é entender como um país, que já possui a oitava economia mundial, esteja, ainda, no bloco dos países em desenvolvimento, e só mesmo a certeza quanto ao futuro de nossa terra é que nos faz respeitados pelos países ricos ou industrializados.

Nossa vocação democrática, já demonstrada em várias ocasiões, ao mesmo tempo que provoca a cobiça do expansionismo comunista, nos dá respaldo suficiente para que reivindicações ao ocidente sejam sempre bem aceitas. Acredito que para onde pender o Brasil certamente penderá toda a América do Sul, e isto é uma séria dor de cabeça, em especial para os nossos amigos do Norte. Por conseguinte, os apelos a uma nova ordem econômica

mundial não tardará a ser estabelecida por aqueles que detêm o peso maior da responsabilidade. Os pobres não podem ficar eternamente oprimidos, com seu desenvolvimento cerceado, em benefício daqueles que já desfrutam de uma posição favorável e o nosso país carrega todo o onus desta liderança. Porém, com decisões firmes e corajosas, alcançaremos o objetivo colimado neste intrincado panorama internacional.

E no panorama interno? O afastamento, com o movimento de 1964, do espantinho do comunismo levou nosso país para um desenvolvimento jamais observado. Contudo, em todo processo rápido de prosperidade, o endividamento, tanto interno como externo, é inevitável e a repercussão no campo social é imediata, principalmente quando ele é negligenciado ou simplesmente colocado em plano secundário, como foi o nosso caso.

Qual foi o resultado desta situação má concebida quando o povo pode exteriorizar um direito reprimido? Os movimentos em todas as áreas aparecem, não só para reivindicar melhoria salarial como também melhores condições de trabalho, de assistência social etc. O que se observa são atitudes subversivas sim, mas nas quais não se identifica nenhuma ideologia, visando à derrubada do poder. Contudo devemos estar atentos, pois o Movimento Comunista certamente, tentará penetrar por qualquer espaço aberto.

No momento, o Brasil faz suas reivindicações a nível internacional, alertando aos países ricos o perigo que corre o reestabelecimento pleno da democracia, caso as satisfações internas não possam ser atendidas, em face das pressões exógenas que afetam a condição socio-econômica das classes menos favorecidas. Assim, temos certeza que o caminho para o entendimento está aberto e, obviamente, todas as medidas favoráveis ao Brasil só trarão benefícios para as nações subdesenvolvidas ou aquelas que, como nós, encontram-se em processo de desenvolvimento.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - ABDENUR, Roberto. Conjuntura Econômica Internacional e o Diálogo Norte-Sul. Rio de Janeiro, 1981. Conferência na Escola Superior de Guerra, em 18/11/1981.
- 2 - AQUINO, Sérgio Tasso de. A Ação do Movimento Comunista Internacional. Escola Nacional de Informações. Brasília, 1977.
- 3 - BRASIL. Escola de Guerra Naval. FI-219, Guia para elaboração de referências bibliográficas. Rio de Janeiro, 1981.
- 4 - _____. Escola de Guerra Naval. EGN-215. Guia para elaboração de teses e monografias. Rio de Janeiro, 1981.
- 5 - _____. Escola Superior de Guerra. Fundamentos da Doutrina. Rio de Janeiro, 1981.
- 6 - CHABROL, Arlette. Das decisões e das intenções. In: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, em 18/11/75.
- 7 - CAMPOS, Roberto de Oliveira. A contribuição européia ao Terceiro Mundo. In: O Estado de São Paulo, São Paulo, em 5/2/78.
- 8 - COSTA, Sérgio Correa da. Egocentrismo dos Ricos ameaça o mundo. In: Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, em 6/3/83.
- 9 - CASTRO, Therezinha. Relações Brasil-Estados Unidos em face da dicotomia Norte-Sul e Leste-Oeste. A Defesa Nacional. Rio de Janeiro, 69 (706): 15-29, mar/abr. 1983.
- 10 - CREPUSCULO do comunismo? A Defesa Nacional, Rio de Janeiro, 67 (693): 135-142, jan/fev. 1981.
- 11 - CASTRO, Airton Cardoso de. O expansionismo soviético. Rio de Janeiro, EGN, 1970. Monografia apresentada no Curso Superior de Guerra Naval. 1970.
- 12 - CALDERARI, Arnaldo José Luiz et alii. A subversão como instrumento da política externa. Rio de Janeiro, 1971. Trabalho em equipe realizado no Curso Superior da Escola Superior de Guerra. 1971.
- 13 - DOHERTY, Sérgio Tavares. Subversão na América Latina. Rio de Janeiro, EGN. Trabalho apresentado na Escola de Guerra Naval.
- 14 - FERREIRA, Fernando O. Tavares. A situação atual do Movimento comunista internacional na América Latina - O papel de Cuba. Rio de Janeiro, EGN, 1983. Monografia apresentada no Curso Superior de Guerra Naval. 1983.
- 15 - GARCIA, José H. da Cunha. A infiltração comunista e suas repercussões no campo psico-social brasileiro. Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro, 1961.
- 16 - HOROWITZ, David. Revolução e Repressão. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1969.
- 17 - LEFF, Nathaniel. Má economia pior política. In: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, em 6/8/76.

- 18 - LATINOS pedirão melhores preços. In: Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, em 7/12/75.
- 19 - LAGOS, Gustavo. Conflito Leste-Oeste: entre a Dítente e a Guerra Fria. In: Curso de Introdução as Relações Internacionais, Brasília, Editora Universidade de Brasília, v. 6, 1983.
- 20 - SOUZA, Alvaro da Silva. Ações estratégicas para valorizar o homem comum, debelar a subversão e conter a corrupção na sociedade brasileira. Rio de Janeiro, Escola Superior de Guerra, 1982. Trabalho Especial apresentado no Curso Superior da Escola Superior de Guerra.
- 21 - TOMASSINI, Luciano. Relações Norte-Sul: algumas alternativas. In. Curso de Introdução as Relações Internacionais, Brasília, Editora Universidade de Brasília, v. 6, 1983.

18 - LATINOS pedindo melhores preços. In: Journal do Brasil, Rio de Janeiro, em 7/12/75.

19 - LACOS, Gustavo. Guerra Fria. Clonagem, Brasil, 1983.



00010910000331
Transformacoes sociais e repressao
1-A-68

20 - SOUZA, Alvaro da. O homem comum, debaixo a subversao e contra a corrupcao nas escolas brasileiras. Rio de Janeiro, Escola Superior de Guerra, 1981. Trabalho Especial apresentado no Curso Superior da Escola Superior de Guerra.

21 - TOMASINI, Luciano. Relações Norte-Sul: algumas alternativas. In: Curso de Introdução as Relações Internacionais, Brasília, Editora Universidade de Brasília, v. 6, 1981.

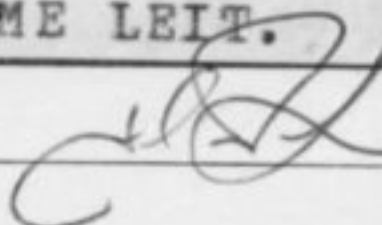
Silva, Ronaldo da

Transformações sociais e repre
ssão

1-A-68

DEVOLVER NOME LEIT. (331/86)

02 AGO 91

 cc LEME